

# **Análise do perfil das estudantes do curso de Sistemas de Informação do IFS/Campus Lagarto: um primeiro passo para a inclusão e permanência das mulheres na área de tecnologia.**

**Larissa de G. Barreto<sup>1</sup>, Catuxe V. de S. Oliveira<sup>1</sup>, Luiz Diego V. Santos<sup>2</sup>,  
Jislane S. S. de Menezes<sup>1</sup>, Vana H. V. Carvalho<sup>1</sup>,  
Cristiane O. de Santana<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Instituto Federal de Sergipe (IFS)  
Aracaju - Sergipe – Brasil

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)  
Feira de Santana - Bahia – Brasil

larissadgb@gmail.com, {catuxe.oliveira, jislane.menezes,  
vana.carvalho, cristiane.oliveira}@ifs.edu.br, ldvsantos@uefs.br

**Abstract.** *This article analyzes the profile of female students in the Information Systems course at the Instituto Federal de Sergipe, motivated by the importance of understanding their characteristics in order to promote their inclusion and permanence in the technology field. Using data extracted from management reports and questionnaires administered to female students, the study investigated aspects such as age, occupation, academic life and perceptions about female representation. The results reveal that, although most female students are between the ages of 21 and 25, a high percentage have already failed courses. The lack of female role models suggests an opportunity for the development of institutional policies that encourage a more welcoming and inclusive environment in higher education.*

**Resumo.** *Este artigo analisa o perfil das estudantes do curso de Sistemas de Informação do Instituto Federal de Sergipe, motivado pela importância de compreender suas características para promover sua inclusão e permanência na área de tecnologia. Utilizando dados extraídos de relatórios gerenciais e questionários aplicados as alunas, o estudo investigou aspectos como idade, ocupação, vida acadêmica e percepções sobre a representatividade feminina. Os resultados revelam que, embora a maioria das alunas esteja na faixa etária de 21 a 25 anos, um alto percentual enfrentou reprovações em disciplinas. A falta de referências femininas sugere uma oportunidade para o desenvolvimento de políticas institucionais que estimulem um ambiente mais acolhedor e inclusivo na educação superior.*

## **1. Introdução**

Segundo [Soares 2001], as estruturas educacionais e organizacionais nas universidades e escolas não favorecem a participação das mulheres em Ciência e Tecnologia (C&T), muitas vezes devido à falta de políticas de apoio e à perpetuação de uma cultura de exclusão. Conforme os estudos de [Lobo et al. 2019], as mulheres não só enfrentam dificuldades no

acesso à educação científica, como também lutam para se manter nesse campo, dado o ambiente predominantemente masculino e a falta de políticas inclusivas.

Essa realidade exige uma revisão urgente das políticas educacionais e organizacionais para garantir um ambiente mais igualitário e acolhedor para as mulheres nas áreas de C&T. A mudança na estrutura institucional, que inclui a promoção de espaços que favoreçam a permanência feminina, é essencial para reduzir a desigualdade de gênero na ciência e tecnologia.

Este trabalho busca compreender como o perfil estudantil das alunas do curso de Bacharelado em Sistemas de Informação (BSI), pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam sua permanência e sucesso acadêmico. Com os dados obtidos dos relatórios gerenciais da instituição e uso de questionários aplicados às alunas do curso, foi feita uma análise de perfil com o intuito de caracterizá-las e assim promover ações institucionais mais assertivas voltadas à inclusão e ao fortalecimento da presença feminina na área de tecnologia.

O presente trabalho está estruturado em mais seis seções. A Seção 2 apresenta o contexto ao qual o trabalho está inserido. A Seção 3 apresenta trabalhos relacionados ao tema discutido. A Seção 4 refere-se à metodologia empregada para a coleta e análise de dados. A Seção 5 descreve os resultados, seguidos por suas análises. A Seção 6 apresenta a discussão sobre os resultados com outros autores. Por último, a Seção 6 traz as conclusões e sugestões para trabalhos futuros.

## **2. Mulheres nos cursos de TI**

Estatísticas mostram que o número de estudantes do sexo feminino na área da computação é, historicamente, menor do que a quantidade de estudantes do sexo masculino [Nunes 2022]. A presença feminina em cursos de Tecnologia da Informação (TI) está associada a desafios como a falta de apoio familiar, estereótipos e estigmas machistas em torno da área, e as dificuldades que enfrentam nos cursos de ensino superior e no mercado de trabalho são apontadas como fatores que mais afastam jovens mulheres da área em questão [Ribeiro and Maciel 2020].

[Machado et al. 2023] demonstra que a mesma disparidade encontrada nos cursos de TI no nível superior também é encontrada em cursos de nível técnico. Neste caso, torna-se ainda mais evidente que à medida que amadurecem, meninas e mulheres são cada vez mais desestimuladas a ingressarem e permanecerem na área por diversos fatores.

O baixo índice de ingressantes do sexo feminino reflete no percentual de homens e mulheres nas empresas de TI, como aponta [Borges et al. 2025]. Essa disparidade é de relevância social e deve ser cenário de estudo e discussão, pois está direcionada tanto ao estereótipo, quanto ao quesito de desigualdade e diferenças salariais.

Assim sendo, é necessário enfatizar e trazer à luz o quanto a escola e a universidade são importantes no processo de estimular as meninas em formação, bem como as mulheres no nível de graduação, que é possível construir uma carreira na área de TI e afins, quebrar paradigmas e romper estigmas que foram criados.

### 3. Trabalhos relacionados

A busca pelo perfil das estudantes dos cursos de TI não é uma abordagem inédita. [Zhang et al. 2021] apresenta a disparidade de gênero nas escolhas dos estudantes em relação aos cursos de TI, focando especificamente em estudantes do curso de Sistemas de Informação. Este artigo se baseia em dados arquivados de uma universidade pública dos EUA, propondo uma análise mais objetiva do problema a partir do perfil acadêmico dos estudantes, como desempenho acadêmico ou mesmo mudança de curso.

No trabalho de [Oliveira et al. 2023] também é realizada uma análise quantitativa dos dados disponibilizados pela Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional para os cursos da área da computação. Após análise, foi possível verificar uma diferença significativa na representatividade por gênero, mas com idade média semelhante. Os resultados indicaram ainda que o gênero não teve uma grande influência nas taxas de conclusão, mesmo que as meninas se destaquem positivamente ao se formarem.

O trabalho de [Mello et al. 2019] analisou dados obtidos por meio da aplicação de questionários contendo perguntas sobre gênero direcionadas a discentes e docentes dos cursos de Computação do município de Alegrete/RS. Da mesma forma, [Ramos and Araújo 2022] utilizou um questionário voltado a vivência feminina nos cursos de tecnologia com o propósito de identificar as razões que levam tantas mulheres à desistência da trajetória acadêmica.

O presente trabalho buscou mesclar a abordagem focada na análise dos dados acadêmicos obtidos do sistema acadêmico do IFS e do questionário misto aplicado às alunas no curso BSI.

### 4. Metodologia

Para o desenvolvimento do presente trabalho, o ponto de partida foi a obtenção dos dados acadêmicos extraídos do módulo de Relatórios Analíticos de Gestão, no formato pdf, do sistema acadêmico da instituição, contendo séries históricas e dados atuais dos estudantes do curso de BSI no período de 2018 a 2024, e organizados em planilha eletrônica para fins de análise.

Vale ressaltar que o curso BSI foi autorizado no ano de 2012 e até o momento possui 10 egressas, entretanto, os dados obtidos foram coletados a partir do ano de 2018. Desta forma, para realizar uma análise mais completa, foram utilizados os microdados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) referentes ao Censo do Ensino Superior.

Para análise dos dados extraídos do sistema acadêmico em conjunto com os microdados do CENSUP, foram consideradas algumas questões norteadoras, a saber:

1. De que maneira a proporção de mulheres ingressantes no curso se comportou nos anos posteriores a 2013?
2. Como se comportou ao longo dos anos a proporção de mulheres que concluíram o curso a partir de 2016?
3. Qual a distribuição das mulheres que ingressaram a partir de 2013 em relação aos tipos de cotas existentes?

Em seguida, foi elaborado um questionário, com questões objetivas e subjetivas, para garantir a eficácia das informações obtidas, sendo dividido em duas partes:

- Caracterização do público-alvo: com objetivo de traçar o perfil geral e caracterizar o público-alvo participante do curso de Sistemas de Informação. Foram coletados dados relevantes sobre aspectos como ano de ingresso, faixa etária, carga horária concluída, ocupação, forma de ingresso, histórico de reprovações, nível de motivação e envolvimento, trancamento de disciplinas e participação em projetos de pesquisa ou extensão;
- Representação feminina no curso: com o intuito de investigar a percepção das alunas sobre a representação feminina no curso BSI do IFS, para traçar um panorama sobre os desafios e avanços na inclusão feminina na Computação dentro da instituição.

Assim, por meio do questionário, buscou-se compreender a trajetória acadêmica, os desafios enfrentados e a percepção das estudantes sobre o curso, e a análise da vivência acadêmica das alunas. O questionário foi aprovado pelo Comitê de Ética <sup>1</sup> e disparado através de link do *Google Forms*<sup>2</sup>, em conjunto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário ficou disponível por 15 dias, disparado para 100 alunas a partir de uma lista de e-mails disponibilizada pela coordenadoria do curso, e contou com 44 respondentes, incluindo alunas atualmente matriculadas no curso, egressas e desistentes. Dentre o conjunto das respondentes, 9 das 10 estudantes egressas do curso participaram da pesquisa.

Posteriormente foi realizada uma análise dos dados coletados por meio dos relatórios e questionário com o objetivo de identificar quais informações estavam disponíveis. Assim, foi identificada a possibilidade de obtenção de dados sobre ingresso, evasão e permanência dos estudantes, bem como, características demográficas relevantes, como gênero e raça, que permitiu definir os principais indicadores a serem analisados no estudo.

## 5. Resultados

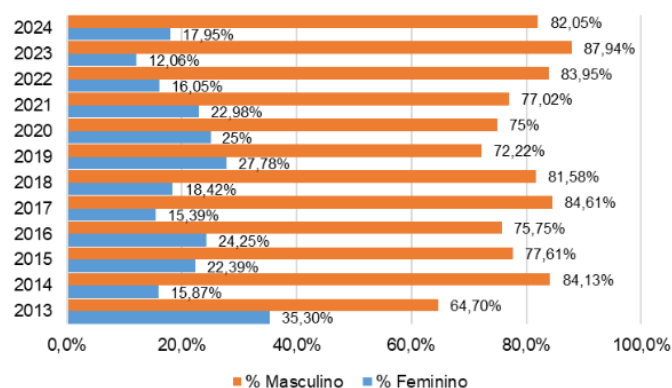
### 5.1. Análise dos dados do Sistema Acadêmico

Em relação à pergunta “De que maneira a proporção de mulheres ingressantes no curso se comportou nos anos posteriores a 2013?”. É possível observar que a quantidade de mulheres ingressantes ano a ano segue uma tendência oscilatória, com o maior valor registrado de 35,30% em 2013, 24,25% em 2016, e atingiu seu menor valor em 2023 com 12,06%, apesar de ter uma oscilação de 23,24 pontos percentuais, com uma proporção média geral de mulheres de 21,12% nos períodos entre 2013 a 2024 (Figura 1).

Entre os anos de 2016 e 2024, o número total de mulheres ingressantes foi de 118, representando uma parcela significativa do total de estudantes. Dentre elas, a maioria se autodeclarou como parda, correspondendo a aproximadamente 69,6% do grupo, as mulheres brancas representam cerca de 16,96%, enquanto as pretas foram 10,79% do total. As indígenas tiveram uma participação menor, em torno de 1,32%, e aqueles que não declararam sua cor ou raça somaram aproximadamente 16,74%. Os dados supracitados

<sup>1</sup>Registro de N° CAAE: 86041225.2.0000.8042

<sup>2</sup>Acessado através do endereço: <https://docs.google.com/document/d/1jn2NHGmrjjR1GZaU-r87FqambSoPgsczhyikhPI1kjk/edit?usp=sharing>



**Figura 1. Gráfico da quantidade de ingressantes no período de 2013 - 2024**

Fonte:Elaborado pelos autores

refletem a diversidade racial entre os ingressantes no período investigado e evidencia uma predominância de estudantes pardas.

A baixa representatividade de mulheres indígenas pode indicar desafios específicos de acesso ao ensino superior para esse grupo, possivelmente relacionados a barreiras socioeconômicas e geográficas.

A pergunta "Como se comportou ao longo dos anos a proporção de mulheres que concluíram o curso a partir de 2016?" faz referência ao ano de formação da primeira turma. E nesse contexto, , é respondida pela Tabela 1, a qual apresenta o número de homens e mulheres formados no período de 2016 a 2024.

**Tabela 1. Quantidade de estudantes formados no período 2016 - 2024**

Ano de conclusão	Feminino	% Feminino	Masculino	% Masculino
2016	1	12,50%	7	87,50%
2017	2	11,76%	15	88,24%
2018	0	0%	9	100%
2019	2	40%	3	60%
2020	0	0%	1	100%
2021	0	0%	4	100%
2022	2	12,50%	14	87,50%
2023	1	12,50%	7	87,50%
2024	2	18,18%	9	81,82%
<b>Total:</b>	<b>10</b>	<b>12,65%</b>	<b>69</b>	<b>87,35%</b>

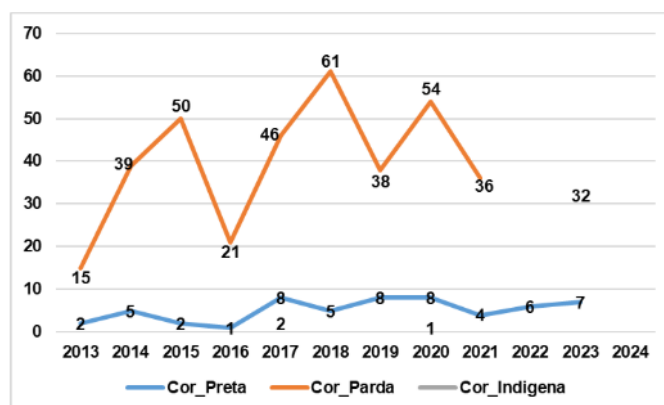
Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base na Tabela 1, observa-se que a proporção de mulheres que concluíram o curso de 2016 a 2024 variou consideravelmente ao longo dos anos, mantendo-se em níveis significativamente inferiores aos dos homens. No período analisado, o percentual total de mulheres que concluíram o curso foi de apenas 12,65%, comparado a 87,35% de homens, confirmando um padrão de baixa representatividade feminina na formação

acadêmica no curso em questão.

Esses dados sugerem a necessidade de intervenções direcionadas para incentivar, reter e apoiar a participação feminina no curso, como campanhas de conscientização, criação de redes de apoio e iniciativas que promovam maior equidade de gênero na área.

Outro aspecto relevante a ser analisado diz respeito à terceira pergunta da pesquisa, que busca entender “qual é a distribuição das mulheres que ingressaram a partir de 2018<sup>3</sup> em relação aos tipos de cotas existentes?”. Esse levantamento contribuiu para avaliar a efetividade das políticas de inclusão e possíveis desigualdades dentro do próprio sistema de cotas.



**Figura 2. Distribuição das cotas raciais**

Fonte:Elaborado pelos autores

A análise da Figura 2, que apresenta a distribuição de ingressantes por cotas raciais no período de 2013 a 2024, permite uma visão detalhada sobre a evolução da inclusão racial nas instituições de ensino. Observa-se que, ao longo dos anos, ocorreram mudanças significativas no perfil dos ingressantes, refletindo possivelmente os avanços nas políticas de ação afirmativa no Brasil.

O número total de ingressantes que não declararam sua cor foi elevado em alguns anos, especialmente no início de 2013, com 64 ingressantes. No entanto, esse número tende a diminuir gradativamente, com exceção de 2024, que não foi possível localizar os dados sobre cotas raciais no site do INEP.

No IFS, o processo seletivo reserva uma cota de 50% das vagas da graduação para quem estudou em escola pública. Sendo que desses 50% são reservadas vagas de etnia, conforme a lei nº 12.711/2012<sup>4</sup>, de acordo com renda, raça (pretos, pardos e indígenas) e pessoas com deficiência (PcD).

Dentre os ingressantes por meio das cotas raciais, a categoria de cor parda apresentou o maior volume absoluto, totalizando 392 estudantes, evidenciando a predominância desse grupo racial beneficiados por cotas. Os ingressantes de cor preta alcançaram um total de 56 pessoas, refletindo possíveis desigualdades históricas no acesso à educação.

<sup>3</sup>Dados apenas do sistema acadêmico

<sup>4</sup>O sistema de cotas na Instituição foi implementado desde a sua criação e permanece em vigor até o presente.

Os grupos indígenas e amarelos receberam os menores números absolutos de ingressantes (3 e 11, respectivamente), o que pode ser explicado pela menor representatividade desses grupos no censo demográfico brasileiro ou pela baixa procura por políticas de cota.

Além disso, observa-se uma redução significativa no número de estudantes que não declararam sua raça/cor, passando de 64 ingressantes em 2013 para apenas 1 em 2024. Esse dado pode indicar um avanço na atualização e adesão ao sistema de cotas. Entretanto, a participação de grupos como indígenas e amarelos permanece reduzida ao longo dos anos, o que sugere a necessidade de medidas complementares para ampliar a sua inclusão.

Diante desse cenário, torna-se essencial o monitoramento contínuo das informações sobre os ingressantes cotistas, possibilitando a formulação de políticas institucionais que promovam maior equidade no acesso à educação superior.

### 5.2. Análise dos dados do Questionário

A análise dos dados revelou que a faixa etária predominante está entre 21 e 25 anos, representando 40,9% do total. Isso indica que a maioria das mulheres no curso BSI encontra-se em uma fase inicial da vida adulta. Geralmente, muitas delas estão estagiando ou empregadas, conciliando trabalho e estudos. No entanto, a maioria (61,1%) informou ser somente estudantes e 22,2% estão trabalhando em um emprego que ocupa mais de 6h/dia de trabalho.

**Tabela 2. Faixa etária x Ocupação**

	17 a 20 anos		21 a 25 anos		26 a 30 anos		31 a 40 anos	
Estudante	7	77,8%	11	61,1%	4	33,3%	2	40,0%
Estágio	0	0,0%	1	5,6%	0	0,0%	0	0,0%
Empregado (até 6h/dia)	1	11,1%	2	11,1%	0	0,0%	1	20,0%
Empregado (mais de 6h/dia)	0	0,0%	4	22,2%	7	58,3%	2	40,0%
Eventos e animações	1	11,1%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Autônomo	0	0,0%	0	0,0%	1	8,3%	0	0,0%
Total	9	20%	18	40,9%	12	27,3%	5	11,4%

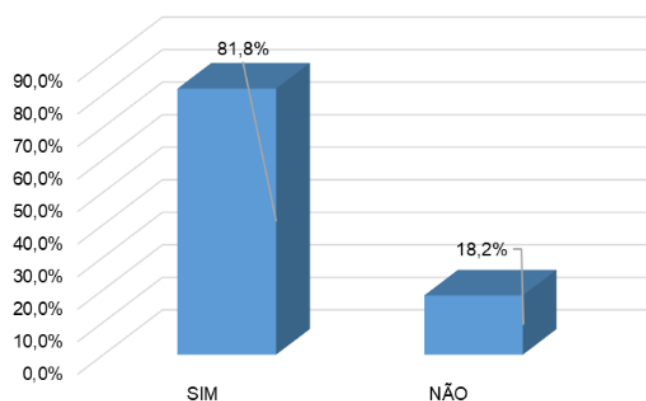
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Ao serem questionadas se já foram reprovadas em alguma disciplina durante o curso, 81,8% afirmam ter reprovado em pelo menos uma disciplina, evidenciando que a retenção é uma questão relevante para o público feminino na Computação (Figura 3). Esse resultado sugere que a reprovação é uma experiência comum entre as estudantes, o que pode estar relacionado a diversos fatores, como falta de apoio acadêmico ou desafios específicos em determinadas matérias do curso.

A alta taxa de reprovação pode impactar diretamente a permanência e o desempenho das alunas, tornando-se um ponto importante para análise no contexto da presença feminina na Computação. Esses dados reforçam a necessidade de estratégias institucionais que auxiliem na redução da reprovação, como monitorias, programas de reforço acadêmico e políticas de flexibilização para estudantes que conciliam trabalho e estudo.

A Tabela 3 destaca o panorama das 10 disciplinas que merecem maior atenção da instituição, por terem sido as mais citadas pelas alunas.

Certas disciplinas como Fundamentos de Programação, desempenham um papel fundamental na grade curricular do curso de BSI, pois servem de base para o entendimento



**Figura 3. Percentual das estudantes que foram reprovados em alguma disciplina durante o curso**

Fonte: Elaborado pelos autores

de conteúdos mais avançados. As altas taxas de reprovação observadas nessas matérias podem comprometer a progressão acadêmica das estudantes e favorecer a evasão universitária. Isso é especialmente crítico no caso das disciplinas introdutórias que atuam como pré-requisitos, cuja reprovação pode acarretar retenção e desmotivação. Esse cenário reforça a importância de estudos mais aprofundados para identificar as causas subjacentes das reprovações e orientar ações corretivas por parte da instituição.

**Tabela 3. Top 10 disciplinas mais citadas na reprovação**

Colocação	Disciplinas reprovadas	Quantidade
1ª	Fundamentos de Programação	7
2ª	Estrutura de Dados I	6
3ª	Cálculo I	5
4ª	Arquitetura de Computadores	5
5ª	Programação Orientada a Objetos (POO)	4
6ª	Probabilidade e Estatística	4
7ª	Matemática Discreta	3
8ª	Lógica Matemática	3
9ª	Sistemas Operacionais	2
10ª	Programação Web I	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

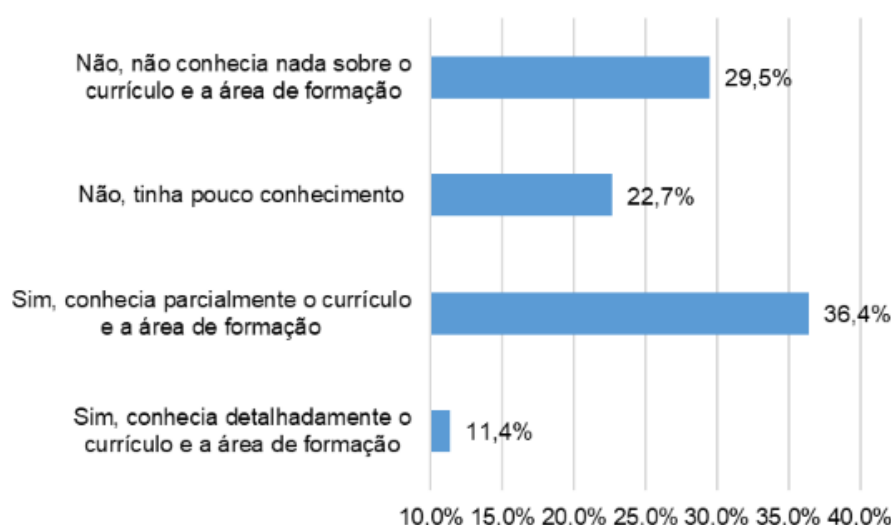
Uma outra análise realizada foi em relação às dificuldades encontradas durante o curso. Das 44 respondentes, 20 informaram que encontraram algum tipo de dificuldade nesse percurso, totalizando 45,4% das respondentes. Dessas alunas, quase metade (45%), consideraram que não houve apoio institucional.

Ao serem questionadas sobre as principais dificuldades, as alunas relataram uma diversidade de obstáculos e, dentre as respostas destacam-se depoimentos, como: “Sim, dificuldades com transporte”; “Sim, pois eu estava tendo que da conta tanto do trabalho e o curso e não tava conseguindo consiliar”. Demonstrando dificuldades e desafios em vários aspectos, como: transporte, alimentação, conciliar trabalho e estudo, além da dificuldade acadêmica.

A pesquisa também analisou o nível de conhecimento das alunas sobre o currículo



e a área de formação do curso no momento da matrícula. Conforme apresentado na Figura 4, apenas 11,4% das entrevistadas afirmaram conhecer detalhadamente o currículo e a área de formação. E (36,4%) das respondentes declararam que possuíam um conhecimento parcial, enquanto 22,7% informaram ter pouco conhecimento. Além disso, 29,5% das participantes relataram que não conheciam nada sobre o currículo e a área de formação do curso ao ingressarem. Sendo assim, os dados evidenciam que a maioria das alunas iniciaram a graduação sem conhecimento prévio sobre o currículo e possibilidades profissionais do curso.



**Figura 4. Nível de conhecimento sobre o currículo do curso e a formação na área**

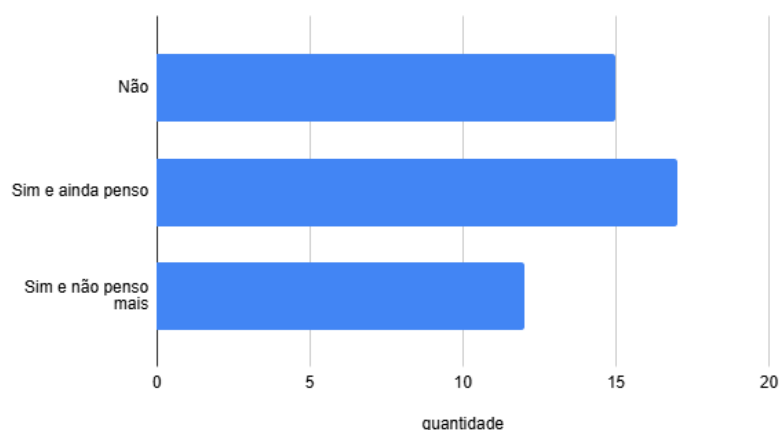
Fonte:Elaborado pelos autores

Perguntas direcionadas à percepção sobre a representatividade feminina na área foram aplicadas, uma dessas questões foi "Você tinha alguma referência feminina na área quando ingressou no curso?", das 44 participantes, a maioria não possuía uma referência feminina ao iniciar o curso de BSI. Entre as respondentes apenas 6 mencionaram ter alguma referência, como irmãs, amigas ou professoras.

A ausência de referências femininas pode influenciar a percepção das mulheres sobre seu pertencimento e potencial na área de Computação. Estudos indicam que a falta de modelos femininos contribui para a sub-representação de mulheres em campos tecnológicos, reforçando estereótipos de gênero e desestimulando a participação feminina [Amaral et al. 2017].

Para reverter esse quadro, é fundamental promover a visibilidade de mulheres na Computação por meio de iniciativas como palestras, mentorias e divulgação de trajetórias femininas de sucesso, apresentando exemplos concretos de superação e incentivando maior diversidade e inclusão no curso.

Por fim, ao serem questionadas se pensaram em mudar de curso, 65,91% das respondentes, a maioria, afirmaram que sim e pelo menos 38,6% ainda pensam, conforme apresentado na Figura 5.



**Figura 5. Já pensou em mudar de curso?**

Fonte:Elaborado pelos autores

## 6. Discussão dos Resultados

A análise dos resultados indica que, apesar da maioria das estudantes estar entre 21 e 25 anos, há uma alta taxa de reprovação (81,8%) e entre outras dificuldades relatadas (cerca de 50%), o que contribui para a retenção e evasão de mulheres na área de tecnologia. Destacado por [Machado et al. 2023] sobre o índice de reprovações afetarem a permanência feminina, fator agravado pela falta de apoio institucional e de referências femininas.

Estudos como o de [Mello et al. 2019] reforçam que a ausência de suporte e políticas inclusivas dificultam a permanência, e [Borges et al. 2025] enfatizam a aplicação de estratégias como mentorias, palestras e valorização de trajetórias femininas de sucesso para estimular o engajamento. Tais estudos se somam com os 65,91% das participantes, as quais indicaram que o ambiente acadêmico interfere na permanência, reforçando a necessidade de políticas e estratégias que promovam a equidade de gênero no ensino superior em tecnologia.

Por fim, os resultados reforçam a importância de aprofundamento em estudos que investiguem as causas específicas das altas taxas de reprovação e dos pensamentos de troca de curso entre as estudantes. Pesquisas sugerem que fatores como desigualdade de suporte, representação limitada de referências femininas e culturais estigmatizadas influenciam essas decisões [Ribeiro and Maciel 2020]. Portanto, políticas institucionais inclusivas, reforço acadêmico e modelos de sucesso feminino são essenciais para criar um ambiente mais diverso e equitativo na formação de profissionais de TI.

## 7. Conclusão

Compreender o perfil estudantil é um ponto crítico para a formulação de políticas educacionais e iniciativas institucionais que promovam um ambiente mais acolhedor e igualitário.

As informações reunidas mostram que as alunas têm entre 21 e 25 anos, são estudantes profissionais e, ao ingressarem no curso, desconheciam a grade curricular. Observou-se que quase metade das respondentes enfrentaram algum tipo de dificuldade e relataram não se sentirem apoiadas pela instituição. Além disso, muitas passaram por reprovações em disciplinas e mencionaram não ter nenhuma referência feminina na área ao ingressarem no curso.

Com base na análise dos dados, recomenda-se a implementação de ações afirmativas como palestras, mentorias e a celebração de trajetórias de sucesso de mulheres na tecnologia, como incentivo e motivação para novas gerações de alunas. Por fim, enfatiza-se que a mudança cultural e institucional é fundamental para garantir que as mulheres não apenas ingressem, mas também prosperem no campo da tecnologia.

Futuros estudos podem ampliar essa análise, oferecendo um quadro ainda mais completo que possa direcionar melhor as ações e decisões institucionais necessárias para promover a inclusão e equidade de gênero em Ciência e Tecnologia.

## Referências

- Amaral, M. A., Emer, M. C. F. P., Bim, S. A., Setti, M. G., and Gonçalves, M. M. (2017). Investigando questões de gênero em um curso da área de computação. *Revista Estudos Feministas*, pages 857–874.
- Borges, L., Ramos, A., and Ferraz, J. (2025). Percepção de estereótipos de gênero na intenção de empreender na área de tecnologia da informação: Um estudo qualitativo com estudantes de graduação de uma universidade federal. *REGPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 14:e2497–e2497.
- Lobo, M. M., Ribeiro, K., and Maciel, C. (2019). Materialidades discursivas de mulheres negras na computação. In *Anais do XIII Women in Information Technology*, pages 89–98, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Machado, A. C. P., Gonçalves, L. L. F., Marques, R. C., Fernandes, K. A., and de Souza Torres, K. (2023). Igualdade de gênero nos cursos de tecnologia da informação do cefet-mg. *Caderno de Gênero e Tecnologia*, pages 15–35.
- Mello, A., Melo, A., and Ferrão, I. (2019). Uma análise sobre questões de gênero nos cursos de computação do município de alegrete/rs. In *Anais do XIII Women in Information Technology*, pages 61–68, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Nunes, D. J. (2022). Educação superior em computação estatísticas – 2021. Technical report, SBC.
- Oliveira, R., Catabriga, L., Zandonade, E., Valli, A., Boeres, M., and Aguiar, C. (2023). A influência do gênero nos cursos de computação na ufs. In *Anais do XVII Women in Information Technology*, pages 25–35, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Ramos, A. and Araújo, F. (2022). Questões de gênero e a evasão de mulheres nos cursos de computação: Um estudo de caso na região metropolitana de belém. In *Anais do XVI Women in Information Technology*, pages 239–244, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Ribeiro, K. and Maciel, C. (2020). *Tecnologia e Formação: um estudo sobre a participação das mulheres nos cursos de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso*. PhD thesis, Universidade Federal de Mato Grosso.
- Soares, T. A. (2001). Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada. *Química Nova*, (2):281–285.
- Zhang, Y., Gros, T., and Mao, E. (2021). Gender disparity in students' choices of information technology majors. *Business Systems Research Journal*, 12:80–95.